



A Crise da Ciência e do Jornalismo e as Perspectivas para o Jornalismo Científico¹

Kelly Tatiane Martins Quirino²

RESUMO

O modelo de divulgação científica herdado da Ciência Moderna não atende mais as demandas da sociedade contemporânea. Os conceitos de racionalidade, empirismo e neutralidade não conseguem captar a complexidade da sociedade da informação. Através dos conceitos de campo e habitus de Bourdieu e um percurso na construção do pensamento racional e empirista procura-se entender como esse modelo foi erigido e o motivo de sua crise. Após, serão elencadas perspectivas possíveis para a reconstrução do jornalismo científico, partindo-se de outras premissas que atendam a sociedade atual e os seus atores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: campo científico; campo jornalístico; divulgação científica; jornalismo científico; ciência moderna

INTRODUÇÃO

Abordar a divulgação científica no contexto atual é discutir ciência, informação e conhecimento. Se essa divulgação sair da esfera de difusão e for para um espaço no qual o público em geral possui acesso, entra-se na perspectiva do jornalismo científico.

Os jornais impressos brasileiros poderiam exercer essa função de divulgação, não apenas como mera divulgação, mas exercendo um papel social que o jornalismo possui de fortalecer o compromisso com a informação pública.

Entretanto, percebe-se, no contexto atual, que a ciência e o jornalismo estão em crise. No início do século XXI, essas duas instituições modernas (Ciência e Jornalismo) precisam ser readequadas em um contexto onde a informação e conhecimento são os responsáveis por um acúmulo de capital nunca antes visto na história da humanidade.

Talvez por conta disso, o modelo de divulgação científica nos jornais impressos não atendam mais as perspectivas da sociedade. Para tentar esclarecer em qual contexto se dá as relações entre jornalismo e ciência, esse trabalho começará por adotar conceitos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestranda em Comunicação Midiática pela Faculdade De Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, campus Bauru. e-mail kely_tatiane@yahoo.com.br



do sociólogo francês Pierre Bourdieu, com o objetivo de alcançar uma maior compreensão de como campos distintos relacionam-se entre si e disputam o poder dentro da sociedade.

O ESPAÇO SOCIAL A PARTIR DO CONCEITO DE CAMPO E DE HABITUS

Bourdieu defende que o espaço social é constituído através de dois conceitos básicos da obra do sociólogo: campo e habitus. Bourdieu define *campo* como:

O espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, espaço este sempre dinâmico e com uma dinâmica que obedece a leis próprias, animada sempre pelas disputas ocorridas em seu interior, e cujo móvel é invariavelmente o interesse em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes (seja no nível dos agentes, seja no nível das estruturas). (Santos, 2007)³

Dessa forma, esse espaço onde está a instituição Ciência e Jornalismo, para Bourdieu pode ser denominado, respectivamente, campo científico e jornalístico. Nesse campo dinâmico, há estruturas internas e os agentes (cientistas e jornalistas) que serão impulsionados pelo seu *habitus*, que, conceituado por Bourdieu significa:

Uma matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se incorpora aos indivíduos (ao mesmo tempo que se desenvolve nestes), seja no nível das práticas, seja no nível da postura corporal (*hexis*) destes mesmos indivíduos. Deste modo, o habitus é apreendido e gerado na sociedade e incorporado nos indivíduos. O habitus é um grande organizador de nossos hábitos, é o que dá sentido às nossas ações quando estamos em sociedade. (Santos, 2007)⁴

³Na obra o Poder Simbólico, Bourdieu explica que a gênese do conceito campo surge, primeiramente, como uma forma de direção à pesquisa “definida negativamente como recusa a alternativa da interpretação interna e da explicação externa, perante a qual se achavam colocadas todas as ciências da obras culturais, ciências religiosas, história da arte ou história literária: nestas matérias, a oposição entre um formalismo nascido da teorização de uma arte que chegara a um alto grau de autonomia e um reducionismo empenhado em relacionar as formas artísticas com formas sociais – com o qual o marxismo, apesar da noção de autonomia relativa (...) encobria o que as duas correntes tinham de comum, a saber, o fato de ignorarem o campo de produção como espaço social de relações objetivas”. (Bourdieu, 1999)

⁴ Bourdieu irá resgatar em Aristóteles e Tomás de Aquino a palavra grega *hexis* que, traduzida para o latim equivale a *habitus*. Nessa perspectiva seu objetivo era reagir contra o “estruturalismo e sua estranha filosofia de ação” que reduzia o agente a uma condição de incapacidade de pensar, de agir. Dessa forma, Bourdieu irá conceituar habitus como “um conhecimento adquirido e (...) de um agente em ação. Idem



Assim, o *habitus* são práticas dentro do campo, interiorizadas junto às estruturas objetivas que geram estratégias, respostas ou proposições.

Esse trabalho pretende explicar como se deu a constituição do campo científico e do campo jornalístico. É no espaço de cada campo que se apresentará como se dá a atuação dos agentes (jornalistas e cientistas) em busca do acúmulo de capital.

O objetivo principal é tentar esclarecer que, na sociedade atual, os modelos de ciência e de jornalismo herdados da modernidade não conseguem atender as demandas dos atores sociais.

Todavia, antes de abordar essa problemática, faz-se importante contextualizar o momento social contemporâneo e como surge a ciência moderna e o jornalismo, para, a partir disso, abordarmos a crise e possíveis soluções para o jornalismo científico⁵.

AS RELAÇÕES DE FORÇA DA CIÊNCIA

O geógrafo Milton Santos⁶ conceitua o atual estágio da sociedade como técnico-científico-informacional. Segundo o teórico, para o capitalismo continuar se desenvolvendo a ciência cada vez mais estará a serviço de criar novas técnicas que possibilite mais lucros.

A técnica ou *'modus operandi'* permite que o melhor modelo de produção seja empregado para se obter a melhor eficiência, sempre com o menor custo possível. Já a informação surge no século XX, principalmente com o advento da internet, como um ingrediente que irá agregar poder para aqueles que a conseguirem em primeira mão. Esses dados (informação) podem ser provenientes de resultados em pesquisas científicas (muitas vezes patrocinadas por grandes conglomerados) ou vindos de acordos políticos e econômicos.

O conceito de Milton Santos caracteriza a sociedade e a economia, mas também sintetiza em três palavras como se dá as relações sociais no contexto do capitalismo

⁵ Wilson da Costa Bueno conceitua jornalismo científico como “à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos. (...)É importante, pois, atentar para as duas partes essenciais desta expressão e que definem o conceito: o Jornalismo e o Científico. Isso porque é possível encontrar, nos meios de comunicação de massa, onde se manifesta a atividade jornalística, textos, artigos ou materiais sobre temas de ciência e tecnologia e que não podem ser considerados jornalismo científico, exatamente porque não são, em princípio, jornalismo. Dessa forma, “O Jornalismo Científico, que deve ser em primeiro lugar Jornalismo, depende estritamente de alguns parâmetros que tipificam o jornalismo, como a periodicidade, a atualidade e a difusão coletiva. O Jornalismo, enquanto atividade profissional, modalidade de discurso e forma de produção tem características próprias, gêneros próprios e assim por diante”.

⁶ Santos, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.



atual. É possível até afirmar que as relações econômicas transferem esses valores para outras esferas sociais. No caso da ciência, Bourdieu⁷ defende que o campo científico e a economia estabelecem relações de força e poder que mantêm a concentração do capital e do poder.

De fato, o mundo da ciência, como o mundo econômico, conhece relações de força, fenômenos de concentração do capital e do poder ou mesmo de monopólio, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, conhece também lutas que, em parte, têm por móvel o controle dos meios de produção e reprodução específicos, próprios do subuniverso considerado⁸.

É importante salientar que essas relações estão dentro de um palco. E que palco é esse? É a sociedade. É dentro dela que se dão as relações de força - reforçando o conceito utilizado por Bourdieu - e também essa apropriação do conhecimento científico em prol da manutenção do monopólio e dos meios de produção.

Entretanto, a partir da década de 70, constrói-se um novo modelo econômico onde o conhecimento e a informação tomaram o lugar dos meios de produção materiais. Há uma substituição na lógica de acumulação de capital (pois até esse momento se produzia a partir do físico, do palpável) e passa-se a uma produção das tecnologias da informação e do conhecimento.

O pesquisador César Bolaño irá defender que a Terceira Revolução Industrial ocorre na década de 70 e proporciona o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

A idéia de uma sociedade Pós – industrial, formulada no início dos anos 70 e que manteve seu vigor até o princípio dos anos 80, cedendo espaço, em seguida, às noções de Sociedade da Informação e, mais recentemente, Sociedade do Conhecimento, baseava-se na constatação de mudanças significativas ocorridas na composição setorial do emprego nos países capitalistas desenvolvidos (queda do emprego industrial e aumento do peso dos serviços no conjunto dos ocupados) e na existência de novas formas de trabalho (especialmente nos setores com alta concentração de atividades intensivas em conhecimento. A perspectiva pós-industrialista nutre-se, portanto, das transformações efetivamente promovidas pelo capitalismo contemporâneo sobre a estrutura social, decorrentes em grande medida, das transformações tecnológicas e as

⁷ Bourdieu, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004

⁸ Bourdieu, 2004, p. 34



crescentes exigências de conteúdos de conhecimento das tarefas realizadas pelos trabalhadores, num contexto de alterações da estrutura de emprego e de mudanças estruturais e institucionais de ampla magnitude, decorrentes do enfrentamento da crise do padrão de acumulação de longo período do pós-guerra.⁹

Então, no cenário atual, as relações de força entre a ciência e o capital tornam-se mais fortes, porque a ciência produz conhecimento e informação, ou seja, a ciência ainda continua exercendo um poder na sociedade da informação.

A importância de enfatizar que a ciência está atrelada ao poder econômico é uma forma de desmistificar que a mesma é neutra. A jornalista Martha San Juan França, em seu artigo intitulado *Divulgação ou Jornalismo*¹⁰ enfatiza que uma das premissas do jornalismo é a noção de que não existe informação neutra, objetiva ou isenta de interesse. Na maior parte das editoriais, essa característica é válida e aceita, por isso os profissionais buscam a maior quantidade de informações e versões possíveis para que o leitor/espectador tire suas próprias conclusões. Todavia, na editoria de ciência isso não ocorre por conta do mito que há de que o campo científico é isento de valor.

Parece estranho, mas no modo de pensar de muitos jornalistas que não cobrem a área (...) as reportagens de ciência precisam ser bonitas, agradáveis e principalmente instrutivas. Só isso. Se tiverem o aval de alguma autoridade reconhecida – o cientista –, não devem ser contestadas. É como se os assuntos de ciência, tecnologia, saúde e meio ambiente não envolvessem polêmicas.¹¹

O jornalismo e a ciência moderna nascem juntos. Enquanto a ciência foi a válvula propulsora do capitalismo (através das descobertas científicas e dos avanços tecnológicos), o jornalismo foi o responsável pela divulgação dos ideais burgueses (muito bem representado pelo lema da Revolução Francesa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”).

Os conceitos de objetividade, isenção e neutralidade (herança do positivismo) serão empregados no jornalismo e na ciência como uma forma de racionalizar essas duas instituições.

⁹ Bolaño, C. e Mattos, F. Conhecimento e Informação na atual Reestruturação Produtiva: para uma crítica das teorias da Gestão do Conhecimento. Artigo apresentado no congresso Lusocom.

¹⁰ Divulgação ou Jornalismo: duas formas diferentes de abordar o mesmo assunto in Formação & Informação Científica: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

¹¹ França, M.S.J, 2005, p. 32.



A idéia de neutralidade da ciência surge nos séculos XVI e XVII durante a Revolução Científica. É nesse período que as idéias de racionalidade e empirismo, dois conceitos que irão sustentar o conhecimento científico, surgem, em contraponto ao pensamento teocêntrico do mundo medieval.

A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA

O filósofo francês René Descartes (1596-1650) será o primeiro pensador a elaborar uma obra sobre a razão. A obra *Meditações* irá instrumentalizar o ceticismo partindo do ponto de que o conhecimento científico é possível, confiável e se baseia na racionalidade. A célebre frase “Penso, logo existo (*Cogito, ergo sum*, em latim) dá a capacidade para os homens do período separem a crença na divindade por hipóteses possíveis de formulações para questionamentos e dúvidas através da razão.

Descartes elabora o seu pensamento a partir de constatações matemáticas (princípio das idéias claras e precisas) e isso resulta no modelo explicativo filosófico cartesiano. A sociedade rompe com a Era das Idéias (herança platônica) e inaugura a Era das Representações. O homem moderno não pode mais confiar apenas nos seus sentidos, é preciso buscar as certezas de forma segura e racional. Descartes trabalhará com a teoria representativa e, outro filósofo, o inglês Francis Bacon (1561-1621) será o responsável por pensar o método para alcançar essas certezas, mas sem passar pelo crivo dos sentidos.

Outro filósofo que irá contribuir na construção da Ciência Moderna é o inglês Francis Bacon. O empirismo, pensamento defendido por ele, pregava que o conhecimento científico tinha que se basear em experimentações. Somente através dos resultados obtidos pelos experimentos é que se chegaria à verdade. A ciência incorporou esse pensamento como o método científico. Toda pesquisa deve seguir um método, caso contrário não é ciência, é opinião.

A racionalidade e o empirismo serão as válvulas propulsoras da chamada revolução científica que, de tão bem sucedida, existem até hoje. Aliás, será esse rigor técnico na análise dos dados que irá caracterizar o conhecimento científico como neutro e imparcial.



Entretanto no século XX, os filósofos vão criticar como o empirismo se tornou uma condição *sine qua non* para as pesquisas científicas. O pensador alemão Herbert Marcuse, na obra *Ideologia da sociedade industrial*¹² afirma que:

O que estou tentando mostrar é que a ciência, em virtude do seu próprio método e de seus conceitos, projetou e promoveu um universo no qual a dominação da natureza permaneceu vinculada à dominação do homem – um vínculo que tende a ter efeitos fatais para esse universo como um todo. A natureza, cientificamente compreendida e dominada, reaparece no aparato técnico de produção e destruição que mantém e aprimora a vida dos indivíduos, ao mesmo tempo em que os subordina aos senhores do aparato.¹³

A citação de Marcuse vai de encontro com o pensamento de Bourdieu, ressaltando, mais uma vez, a subordinação da ciência aos senhores do aparato. A Ciência Moderna trouxe descobertas que resultaram em um desenvolvimento social, levando progresso, melhorando a qualidade de vida e bem estar das pessoas. Só que o mito da neutralidade científica cai por terra quando observamos que, em sua maioria, pesquisas científicas são financiadas com dinheiro do Estado ou de grandes empresas privadas.

A RELAÇÃO CIÊNCIA E JORNALISMO

O empirismo, a racionalidade e o método são os ingredientes que possibilitaram o avanço científico para a sociedade pós século XVI, mas sabe-se que esse rigor, muitas vezes, está atrelado a resultados *a priori*. Os discursos científicos carregados desses elementos (empirismo, a racionalidade e o método) mascaram uma imparcialidade que não existe na prática.

É importante salientar que esse percurso foi importante para se entender como se deu a construção do pensamento científico ocidental e como a Ciência dialoga com outros setores do conhecimento humano. Dessa forma, retoma-se o conceito de campo de Bourdieu para entender como ocorre a relação da ciência com o jornalismo.

Na obra *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*, Bourdieu inicia sua análise sobre a Ciência a partir da indagação contida no título do livro: “Quais são os usos sociais da Ciência?”. A partir disso, ela irá buscar o

¹² Marcuse, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

¹³ Idem.



conceito de campo para esclarecer que a Ciência não é algo estanque e que ela dialoga com a sociedade, com a história, com a economia, com a cultura, enfim, a ciência é dinâmica e também sobre a interferência do espaço e do tempo.

Em outras palavras, é preciso escapar à alternativa da “ciência pura”, totalmente livre de qualquer necessidade social, e da “ciência escrava”, sujeita a todas as demandas político-econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc, que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve.¹⁴

O campo jornalístico também teve como alicerce alguns conceitos provenientes da ciência. O próprio agente dentro do campo jornalístico - o jornalista - ao cobrir a editoria de ciência, não exercita a reflexão crítica sobre essa área, refletindo o ideário de neutralidade e também colaborando na manutenção do *status quo* científico.

O jornalista e biólogo Eduardo Geraque alerta que os jornalistas devem assumir o papel de protagonistas nas discussões científicas junto à sociedade. Não se trata mais de decodificar a linguagem hermética das pesquisas e traduzí-las para a sociedade. Isso é muito pouco. Deve-se ir além! E a dificuldade de se ir além é porque esse modelo de jornalismo também está em crise.

Mas, antes de adentrar nessa crise, faz-se necessário saber o que é o jornalismo e como se deu a sua construção enquanto “campo”. Clóvis Rossi, no livro “*O que é jornalismo*” irá afirmar que o “jornalismo, independente de qualquer definição, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, expectadores e ouvintes”. É uma visão romântica sobre o jornalismo, mas verdadeira quando se refere a batalha diária de levantar, produzir e publicar fatos. Mas, o campo jornalístico não se restringe apenas à técnica.

Nelson Traquina afirma¹⁵ que o campo jornalístico, muitas vezes, é reduzido à técnica de produção de notícias, entretanto, o jornalismo é uma atividade intelectual, que disputa o “campo intelectual”, com pesquisadores, professores e cientistas.

No entanto, o jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados, trabalhadores numa fábrica de notícias.

¹⁴ Bourdieu, 2004, p. 21

¹⁵ Traquina, N. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2 ed, 2005.



Este livro é escrito na convicção de que há muito mais no jornalismo, para além do domínio das técnicas jornalísticas, e que os jornalistas fazem parte de uma profissão, talvez uma das profissões mais difíceis e com maiores responsabilidades sociais.

Para começar, o jornalismo é uma atividade intelectual. A compreensão da crítica do jornalismo feita pelo recém falecido sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997), em particular a sua veemência, está na compreensão de que ele é um “concorrente” do mesmo espaço, “o campo intelectual”, (...). Bourdieu contesta e condena o chamado monopólio que os jornalistas são acusados de exercer dentro do campo intelectual¹⁶.

Traquina discorre sobre o campo jornalístico, a partir do conceito de campo de Bourdieu, alegando que a existência de um campo implica em uma “autonomia relativa” dos profissionais do campo (agentes). Todavia, “os fatores externos apenas não explicam porque as notícias são como são; há fatores internos”, afirma o teórico, ~~mas~~ mais uma vez, retomando o conceito do sociólogo francês.

Assim, o campo jornalístico é um espaço social estruturado (um campo de forças) com o objetivo de retratar a realidade através das notícias, que são uma construção social. Recapitulando o conceito de campo, para a existência do mesmo, deve haver:

1 – um número ilimitado de “jogadores”, isto é, agentes sociais que querem mobilizar o jornalismo como recurso para as suas estratégias de comunicação;

2 – um prêmio que os “jogadores” disputam – as notícias;

3 – um grupo especializado, que diz respeito aos profissionais do campo, que reivindicam possuir um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados, ou seja, a notícia e sua construção.

A autonomia do campo jornalístico é relativa porque o jornalismo possui poder na construção da notícia: na escolha das fontes, na angulação das reportagens, a liberdade de expressão e de atuação, também é um poder do campo. No entanto, há fatores externos que condicionam o jornalismo como: *dead line* (hora limite para o fechamento da construção da notícia\reportagem), hierarquia da empresa,

¹⁶ Idem



competitividade econômica (espaços publicitários), a promoção de diversos “agentes sociais” para divulgar os acontecimentos nos jornais.

Além das relações intra e extra campo, há as relações intra e extra agentes. O jornalista, enquanto um agente intelectual, possui práticas e posturas inerentes a sua condição de jornalista. Da mesma forma que o cientista também as possui. Com isso, os jornalistas filtram uma realidade na perspectiva de sua atuação profissional. “Os jornalistas partilham estruturas invisíveis, “óculos”, através das quais vêem certas coisas e não vêem outras. O jornalismo acaba por ser uma parte seletiva da realidade”.¹⁷

Quando a Ciência e o Jornalismo se unem, nessa intersecção, há elementos de cada campo que passam a ser compartilhados pelo novo campo resultante: o Jornalismo Científico. Esse novo campo recebe a forma de fazer notícia do jornalismo e a forma de divulgar ciência a partir da neutralidade e isenção herança da Ciência Moderna.

A crise instaurada no século XXI é que o modelo de jornalismo científico atual não consegue atender as demandas da sociedade contemporânea. Em um contexto onde operam as novas tecnologias da informação na chamada sociedade em rede de Castells, a sociedade é também uma produtora de conhecimento e uma divulgadora de informação.

Quando os indivíduos, dentro da sociedade, precisam de informação sobre as novas descobertas, eles não irão buscar em revistas especializadas ou em jornais impressos, isso se resolve apenas com uma busca nos navegadores da internet. A partir daquela palavra chave virão inúmeras informações e posteriormente, se a pessoa quiser alimentar o espaço de um blog ou, até mesmo, de um Wikipédia, ela poderá fazer-lo, porque o espaço dentro da internet permite ir além da pesquisa, permite crescer informação.

Esse exemplo é só uma forma de materializar a crise do Jornalismo e da Ciência. E o Jornalismo Científico também sofre as conseqüências, principalmente porque foi erigido partindo da premissa de divulgar as descobertas científicas e transformar as pesquisas em uma linguagem de fácil compreensão para a sociedade.

PERSPECTIVAS PARA O JORNALISMO CIENTÍFICO

¹⁷ Idem



Fabiola de Oliveira, em sua obra *Jornalismo Científico*, sinaliza que a forma de fazer Jornalismo e Ciência pode melhorar.

(...) existe hoje certo volume de informações disponíveis, no entanto, como já comentamos (...) a qualidade pode melhorar. O jornalismo científico, se for possível a analogia, mal saiu da fase romântica, resvala muitas vezes no denunciismo e no alarmismo sem fundamento e é incapaz de análises e exposição de contrapontos (tão necessário ao bom jornalismo), como de resto já é corrente na prática do jornalismo econômico e político¹⁸.

Essa melhora sugerida por Fabiola vai além do denunciismo e alarmismo, já que essa crise que o jornalismo científico herda vem do campo jornalístico e do campo científico.

Uma das formas de solucionar essa crise é acabar com a dicotomia que existe entre os agentes internos dos dois campos: jornalistas e cientistas. Fabiola de Oliveira afirma que se faz necessário desconstruir esse ranço de que a ciência possui um saber profundo e imutável (construído a partir da racionalidade e do empirismo e ratificado com o positivismo) e de que os jornalistas são produtores de um conhecimento perecível: a notícia.

Como já foi dito, a Ciência e o Jornalismo possuem autonomias internas e relativas e esses campos se relacionam com outros campos, principalmente com a sociedade. Dessa forma, jornalistas e cientistas não devem disputar poder entre si, mas terem a percepção e a responsabilidade que o que lhes cabe é fazer da informação científica o suporte para a compreensão da realidade.

Felipe Pena, ao abordar o jornalismo científico, destaca as divergências entre jornalistas e cientistas e as refuta.

- O cientista produz trabalhos dirigidos para um grupo específico, restrito e especializado, enquanto o jornalista almeja atingir o grande público;

O cientista não produz trabalhos para um grupo específico. Suas descobertas são de interesse da sociedade, portanto também almejam o grande público, assim como o jornalismo;

¹⁸ Oliveira, Fabiola. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2007



- A redação do texto científico é árida e segue normas rígidas de padronização, enquanto a escrita jornalística é coloquial e atraente;

Muitas vezes o texto científico é árido porque não há interesse em simplificá-lo. A linguagem hermética, na verdade, esconde uma estratégia de poder. Usar termos conhecidos apenas pelo grupo significa excluir os demais e manter o corporativismo. Significa manter o poder. Ou há algum outro motivo para os advogados manterem os “dataveias” dos tribunais?

- A produção de um trabalho científico é resultado de anos de investigação, enquanto que a produção jornalística é rápida e efêmera.

O tempo de produção científica pode ser lento, mas tem etapas e conclusões que devem ser acompanhadas pela imprensa. O jornal sai todo dia, pode esperar pelo rigor da prova científica¹⁹

Esses argumentos são mais uma forma de desconstrução dessa dicotomia entre Ciência e o Jornalismo na tentativa de fazer um Jornalismo Científico que atenda as demandas da sociedade contemporânea.

Além das análises que devem ser mais profundas, da barreira da linguagem que deve ser transposta e do tempo da produção que deve ser pensado, há outro elemento que deve ser repensado no campo jornalístico e científico: o modelo racionalista-positivista.

Como já foi dito no início desse artigo, a Ciência Moderna herdou as idéias de racionalismo e empirismo de Descartes e Bacon. Esse modelo foi muito importante para o crescimento científico e tecnológico da sociedade. E o Jornalismo, também se apropriou desses conceitos na prática do fazer notícia a partir dos critérios e neutralidade e imparcialidade.

Entretanto, Cremilda Medina aponta que esse modelo está em crise. Partindo da premissa que a divulgação foi a metodologia utilizada para os manuais científicos e que essa forma foi amplamente difundida nos meios de comunicação de massa no século XIX, a pesquisadora vai buscar no pensamento de Augusto Comte e de Descartes os motivos que levaram a adoção desse método (o que já foi discutido nesse artigo na construção da Ciência Moderna) e como isso traz um distanciamento na produção da notícia. Dessa forma, como a relação se baseia em obter a informação e divulgá-la, não é necessário fazer uma contextualização, conhecer elementos dos campos culturais e

¹⁹ Pena, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2008.



históricos para construir uma narrativa científica e jornalística que atenda as demandas dos atores sociais.

Essa crítica pode ser exemplificada através da fala de Cremilda “prefiro remeter as crises de paradigmas (domínio circunscrito por Thomas Kuhn) para a angústia da percepção, os conflitos da sensibilidade no enfrentamento com os dilemas do cotidiano”²⁰. E outra mais emblemática: “Perante os desatinos do mal não há sossego para a racionalidade científica, quer ele se apóie nas disfunções biológicas quer migre do organismo humano para as mazelas dos sistemas sociais”²¹.

Dessa forma, para resolver essa crise, Medina propõe a construção de uma narrativa a partir do diálogo dos afetos. A partir da transdisciplinaridade pode romper essa visão racionalista e o diálogo relacional pode substituir a prática divulgadora da informação.

Ao perceber impasses comuns, especialistas de várias áreas de conhecimento, artistas e filósofos, se dão as mãos e tecem pautas comuns, transdisciplinares. Um legítimo exemplo do signo da relação, que passa pela esfera analítica do código lingüístico, mas transcende a ação argumentativa e culmina na aceitação dos diferentes. (...) o diálogo e a interação inter e transdisciplinar só emergem pela simpatia dos afetos, olho no olho, na proximidade humana²².

Desde a obra *Entrevista: O Diálogo Possível*, Medina aponta para uma forma relacional que o jornalista deve estabelecer com o seu entrevistador, estabelecer o “corpo a corpo” como ela diz, para captar gestos, expressões, signos que vão além da fala. E no momento da construção da narrativa, a reportagem deve conter as marcas do autor que “põe em movimento a aventura humana” a partir do seu contexto sociocultural.

Dessa forma, o Jornalismo e a Ciência podem romper com a herança racionalista e positivista se os seus agentes internos estiverem dispostos a mudarem o *habitus* de cada campo em prol de uma construção de uma realidade mais fidedigna com os anseios da sociedade.

É uma tarefa árdua. Foram cinco séculos para se construir o modelo de Ciência e de Jornalismo que a sociedade possui. Assim, a trajetória é muito longa. Mas é preciso arregaçar as mangas e mudar. O desafio está lançado!

²⁰ Medina, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

²¹ Idem,

²² Idem



REFERÊNCIAS

Boas, S. V. (org). **Formação & Informação Científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005

Bolaño, C. e Mattos, F. **Conhecimento e Informação na atual Reestruturação Produtiva: para uma crítica das teorias da Gestão do Conhecimento**. Artigo apresentado no congresso Lusocom.

Bourdieu, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1999.

Marcuse, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Medina, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

Oliveira, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2007

Pena, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

Santos, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Ed. Record, 2000.

Traquina, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.